

ESTEVÃO

ANDRÉ CARAMURU AUBERT

1. Estevão

“[...] Dir-se-ia que a sorte aguarda por vezes nosso último dia, a fim de nos fazer compreender o poder que possuiu de derrubar em um instante o que custou longos anos para edificar, e assim nos impelir a exclamar com Labério: ‘Ah! este dia é mais um dos dias em que eu deveria viver’”.²

Montaigne, *Ensaaios*, cap. XIX “Somente depois da morte podemos julgar se fomos felizes ou infelizes em vida” 1580-1588.

Às vezes Estevão lamentava ter se divorciado, às vezes não. Divorciado era modo de dizer, já que na prática nada havia sido formalizado. Separação seria a palavra justa. E não que isso tenha sido iniciativa dele, muito pelo contrário; ele até que resistiu bastante à ideia, mas Simone foi inflexível, e chegou um momento em que não havia mais nada a fazer se não ceder. Mas a verdade é que agora ele se acostumara bastante bem à nova situação, a ponto de, em alguns dias, até achar melhor assim. Para sermos honestos, devemos dizer que, desde a separação, ele vivera numa espécie de ziguezague emocional. Às vezes deleitava-se com a sensação

2 Tradução de Sérgio Milliet.

de liberdade de ser – tanto quanto possível – senhor do próprio tempo e dos espaços domésticos; em outros momentos, porém, ao longo dos dias, sozinho em seu escritório, sentia falta de alguém com quem conversar, com quem tomar um café, com quem almoçar. Deitar sozinho na cama, à noite, também incomodava, não só pela falta do calor da presença física feminina ao lado, mas também pelo mais corriqueiro dos fatos, que era não ter com quem comentar as notícias do jornal da TV, à qual ele, desde há muitos anos, só assistia à noite, na cama, antes de dormir. Para além disso tudo, era obrigado a admitir, jamais deixara – e não sabia se um dia deixaria, de um jeito ou de outro – de amar Simone. Tudo somado, porém, em geral era pouco frequente passar por sua cabeça o desejo de voltar à vida de antes. Nem com Simone, com quem ainda se dava bastante bem, e muito menos com alguma nova candidata. Pois candidatas vez ou outra apareciam, mas ele tinha preguiça só de imaginar ter que se adaptar a tiques e manias de outra pessoa, a mudar a própria rotina, fazer as inevitáveis concessões, frequentar os inevitáveis almoços e churrascos, conhecer e se relacionar com antigos amigos da nova consorte, com os novos sogros, os cunhados, os concunhados, os tios, os primos, os filhos de casamentos anteriores etc. Quando pensava nisso tudo Estevão suspirava e se sentia um privilegiado por estar sozinho. Experimentou alguns namoros ligeiros depois que se separou, mas nenhum durou muito tempo.

É impressionante, Estevão concluiu, depois dos relacionamentos pelos quais passou, como, sem exceção, são carentes as mulheres solteiras (ou divorciadas) de uma certa idade. Que horror! Às vezes sentia falta de alguns aspectos da vida de casado; e às vezes pesava a ausência de Simone, por tanto tempo ali por perto. Nessas horas batia uma melancolia por viver sozinho naquela casa, suportando os silêncios opressivos e aquela espécie de, como

dizer?, banzo de divorciado. Mas, no fundo, ou não tão no fundo assim, ele estivera até agora convicto de que, apesar de tudo, a vida de solteiro era melhor.

Tinha sido assim até recentemente, quando a atual namorada, ou melhor, a mais recente candidata, tinha aberto um buraco enorme nessa certeza que pouco antes parecia inabalável. Seu único caso de paixão à primeira vista tinha sido Simone, que viria a ser sua mulher, quando a viu em Diamantina. Mas a realidade é que agora estava posta em xeque, de uma vez por todas, a zona de conforto em que ele vivera os últimos anos. E a culpada disso tinha nome: Juliana.

Estevão pensava nessas coisas naquela manhã, quando abriu a janela do quarto e olhou para as árvores da praça em frente, já ensolarada apesar de ser ainda bem cedo. Entre as árvores distinguiu uma mangueira, ao longe, do lado de lá, no alto do aclive que começava no fim da praça. Olhar para aquela mangueira trazia algumas lembranças particularmente felizes. Esse era um hábito recorrente nos primeiros minutos de todos os dias: quando se levantava da cama, Estevão abria a janela e respirava um pouco o mundo do lado de fora, recapitulava sonhos, pensava bobagens, fazia planos. Esse ritual durava às vezes dois, às vezes cinco, às vezes dez minutos. Só depois é que ia ao banheiro, escovava os dentes, fazia xixi, se preparava para ir tomar café da manhã na padaria – um dos aspectos ruins de estar solteiro – e, enfim, retomar a vida. Naquela manhã em particular ele acordou especialmente feliz. Por dois motivos. Durante a madrugada, o que não era de todo raro acontecer, viera-lhe à mente a solução para o impasse da abertura do livro, um problema que o atormentara ao longo de toda a tarde anterior, como já vinha atormentando há meses. De todos os problemas que o livro trazia, a abertura, ultimamente, parecia ser um dos mais difíceis de resolver. É claro que a solução

precisaria ser posta à prova, pois também era fato recorrente que as saídas mais brilhantes, pensadas durante a noite, mostravam-se totalmente idiotas quando testadas pela manhã. Mas ainda assim ele estava otimista. Além disso, sob o pretexto de precisar consultar um livro raro na biblioteca Mário de Andrade, convidara Juliana (que trabalhava lá perto) para almoçar, e ela aceitara. Juliana tinha aqueles cabelos castanhos lisos que eram a predileção dele, era bonita, charmosa; mas havia algumas dificuldades: estava recém-saída de um relacionamento complicado e tinha um filho pequeno (lidar com crianças, imagine só um enteado, não era o forte de Estevão). Juliana seria, enfim, a personificação da encrenca, mas ele fora fisgado, e estava, paradoxalmente, mais do que feliz por estar preso naquele anzol, totalmente disposto a pagar para ver.

A realidade é que o grande nó em sua vida recente era o livro. *Estevão*. Estevão era obrigado a admitir para si mesmo que o livro (ou a ansiedade e a frustração que ele vinha causando), é que havia sido o maior responsável pelo fim do casamento com Simone, e que era o livro – não só, é óbvio, mas o livro, mais do que tudo – que tornara impraticáveis os relacionamentos que ele experimentara nos últimos tempos. Ele, que jamais se gabara de ser muito simpático com as pessoas, tornara-se um chato nos liames do insuportável – e sabia disso muito bem.

Naquela manhã, enquanto Estevão olhava para a praça, para vizinhos passeando com seus cachorros, uma ou outra pessoa correndo ou andando de bicicleta, o pensamento viajava, e ele começou a enumerar as namoradas recentes e a lembrar a história vivida com cada uma delas. Bem, é claro, ponderava, em pleno debate consigo mesmo, também não seria justo jogar no livro a culpa de tudo. Quanto ao casamento com Simone havia um desgaste que vinha crescendo há anos, normal em qualquer relacio-

namento. É claro que Simone não era fácil. Era controladora e não estava vivendo, nos últimos tempos do relacionamento, uma fase tranquila, emocionalmente falando. Abandonara definitivamente a pretensão de ser uma musicista, tornara-se irritadiça e fora, aos poucos, deixando de olhar para ele daquele jeito apaixonado, com aquele brilho nos olhos que ela tinha no começo.

É verdade que Simone não era fácil. Mas, afinal de contas, que mulher era? A verdade é que as mulheres mais novas o esgotavam, querendo, como queriam, um professor de manhã, um provedor à tarde e um atleta sexual à noite. Fazer-se de professor o aborrecia, bancar o provedor o deixava nervoso, e atleta sexual ele simplesmente não tinha mais preparo físico para pretender ser. Já as mais velhas eram emocionalmente frágeis, estavam sempre doentes, falavam o tempo todo dos ex-maridos, dos filhos e, naturalmente, de saúde. Ouvi-lo discorrer sobre o livro as entediava – a todas, diga-se; tanto as mais jovens quanto as mais velhas. A realidade é que em nenhuma delas, antes de Juliana, Estevão encontrara uma interlocutora para as questões do livro. E o ponto é que era essencialmente desse assunto, e de nada mais, que ele gostava de – ou conseguia – falar. E o livro, *Estevão*, afinal, sejamos justos, abrangia uma razoável variedade de temas, de modo que falar dele não era jamais falar de uma coisa só. De qualquer forma, agora as coisas estavam parecendo um pouco diferentes. E melhores. Fazia uns seis meses, mais ou menos, que Estevão fora convidado para apresentar um seminário no Aldeia, e foi ali que conheceu Juliana. Ela era sócia do lugar, uma espécie de livraria/centro de eventos/ong localizada na Galeria MetrÓpole, na avenida São Luís, no centro da cidade. O evento, desde as tratativas iniciais, passando pela preparação e culminando com a conclusão, foi o que deu aos dois a oportunidade de se conhecer e conversar.

Já na primeira vez em que Juliana e Estevão se encontraram pessoalmente deixaram-se ficar na porta da livraria, terminada a reunião, sem pressa, batendo papo. Ela perguntou no que ele estava trabalhando, em que projetos estava envolvido, ao que ele respondeu falando do livro. Ela demonstrou interesse, e então os dois foram tomar um café no bar em frente, ali na galeria mesmo. O café acabou virando cerveja e, quando se deram conta (e ela saiu correndo, atrasada, para pegar o filho na casa de um amiguinho), tinham-se passado quase três horas de um certo tipo de conversa mole, daquelas que se situam num vago limiar entre o que se poderia chamar de genuíno e verdadeiro interesse mútuo pela atividade do outro, e aquilo que é, simplesmente, o mais puro e descarado flerte. E, já naquele primeiro encontro, Juliana, conforme a conversa avançou, teve um *insight* e deu uma sugestão para o livro, a qual Estevão achou bastante pertinente e decidiu, de imediato, adotar.

Daquele dia em diante, Estevão e Juliana passaram a se encontrar com frequência crescente, pelo menos uma vez por semana, incluindo passagens dele pela Aldeia para prestigiar eventos e lançamentos de livros. Houve almoços e jantares e eles vinham trocando mensagens e se falando pelo celular com frequência cada vez maior, de modo que era inegável, apesar de não terem ainda dormido juntos, que alguma coisa entre os dois, verdadeira e intensa, estava rolando.

Naquela manhã tão bonita, porém, a vida de Estevão precisava seguir. Havia pela frente um dia promissor, mas cheio, e foi assim que, mais ou menos uma hora depois de acordar, janela e praça deixadas para trás, banho tomado, café da manhã na barriga, a cafeteira elétrica ao lado, Estevão religou o computador e foi testar a ideia de abertura para o livro que tivera durante a noite.

O céu, o campo. Os sons dos cascos, dos galhos balançando ao vento, dos insetos, dos pássaros, os cheiros das montarias, da poeira, do mato, as árvores retorcidas, os arbustos. O calor. As moscas. O zumbido incessante das moscas. É assim que vejo aquilo tudo quando fecho os olhos e tento reviver o horizonte sem fim do Cerrado, quando me vejo saindo da Cordisburgo de Guimarães Rosa, no passo lento de um cavalo de baixa estirpe, tendo já ficado, a oeste, a Lagoa Santa de Peter Lund (e, mais de dez mil anos antes dele, a terra do povo de Luzia), passando, ao cabo de um dia de cavalgada, pela Curvelo de Lúcio Cardoso e indo, depois, naquele passo irregular, em direção ao norte, ao Serro, antiga Vila do Príncipe, terra natal de Teófilo Ottoni e do compositor Lobo de Mesquita, para ao longe ver surgirem, pouco a pouco, as paredes de pedra da Serra dos Cristais (antes mesmo que o imponente pico do Itambé se fizesse mostrar, entre as nuvens, na distância), iluminadas pelo sol da tarde (assumindo que chegaria atrasado naquele ponto da jornada, já ali pelo fim do dia), preparando o rancho para passar a noite. E me lembro de contemplar, sem me cansar, aquelas paredes rochosas da Serra dos Cristais, estupidamente imponentes e belas para John Mawe (que era geólogo) em 1809; ainda repletas de diamantes para os olhos atentos do explorador e tradutor das *Mil e Uma Noites* Sir Richard Burton em 1865 (afinal, ele espionava para o governo da rainha Vitória); áridas e escabrosas para George Gardner em 1846 (talvez por ser biólogo, e cuja miopia, literal e metafórica, fez com que menosprezasse a aridez explosiva do Cerrado, mal comparada por ele à exuberância barroca da Mata Atlântica dos arredores do Rio de Janeiro e do sul de Minas). Aquilo tudo, penso, enquanto me lembro da jornada que fiz, é parte do passado, de muitos passados, do meu próprio passado e do passado de muita gente que já foi de carne, virou osso e hoje é apenas pó nas curvas dos tempos e das grimpas das montanhas. Com os olhos fechados, deitado de lado, quieto, ainda sem sono, busco

ver e ter aquela imensidão toda, de novo, diante de mim. Ah, eu sinto muita falta daquela imensidão, de tudo, até do sofrimento, da sede, da dor no corpo depois de algumas horas em cima do sofrido pangaré baio que me empurraram quando pedi para alugar um cavalo de verdade. E foi aquela imensidão, penso agora, embora não pensasse na época, que me levou a estudar a vida de Estevão Ribeiro de Resende, o Marquês de Valença, nascido no ano da Graça de 1777 em Prados, uma cidade mais ao sul, na região de São João Del Rei, e que naquele cenário estupefaciente dos entornos da Vila do Príncipe (hoje Serro) e do Tijuco (hoje Diamantina), viveu um único, mas decisivo, ano de sua vida.

Funcionou, ficou bom, agora sim, Estevão pensou, feliz, com otimismo certamente um pouco exagerado, influenciado talvez pelo tom romântico de Otis Redding, que soava na playlist do computador, e pela expectativa do almoço que teria logo mais com Juliana. Encheu mais uma xícara com café quente, pôs duas colheres de açúcar, mexeu sem pressa, reclinou-se na cadeira e entregou-se, displicente, enquanto olhava as árvores da praça, bem diante da janela de sua biblioteca, a sonhar com Juliana, com o almoço que os dois teriam, com viagens que sem demora fariam, com a cama que compartilhariam, com... Sim, ele estava, pela segunda vez na vida, apaixonado.

Outro café e Estevão, fazendo esforço para se concentrar no trabalho e não pensar em Juliana, voltou ao livro. Releu a abertura. Com Otis Redding e tudo, porém, ela pareceu-lhe menos boa agora, na segunda leitura. Mas não desistiria desta abordagem, pelo menos não ainda. Um ajuste aqui, outro ali, talvez, era inegável que, embora não estivessem perfeitas, as linhas que escreveu pareciam ter potencial. Aquilo de começar com o céu, o campo, aquilo estava bom. E também ficara interessante o negócio de colocá-lo, o autor, dentro do texto. Estava bom, sim. Mas será que

era o bastante? Estevão era maníaco por aberturas de livros. Elas são tão importantes quanto as das óperas, pensava, mais importantes do que as conclusões. Um bom livro com uma má abertura jamais será levado a sério, ao passo que um livro apenas razoável, com uma grande abertura, pode se tornar um clássico. Exemplo imbatível era o *Retrato do Brasil*, de Paulo Prado. Apesar da prosa saborosa, aquele livro não estava, de jeito nenhum, no mesmo patamar de outros clássicos das tentativas de interpretação do Brasil, como *Casa Grande & Senzala*, *Raízes do Brasil* ou *Os donos do poder*. Mas que abertura, que coisa linda, “Numa terra radiosa vive um povo triste”. Toda uma visão de mundo (e do Brasil) resumida numa frase de insuperável poesia, concisão e beleza. E, diga-se, que frase atual!

Entre os brasileiros, só quem rivaliza com aquela abertura era aquela outra, falsamente singela, que Pedro Nava escrevera no primeiro volume de suas monumentais memórias, “Eu sou um pobre homem do Caminho Novo das Minas dos Matos Gerais”. E também, como não pensar na abertura de Guimarães Rosa, para um dos contos de *Sagarana*? “Nove horas e trinta. Um cincerro tilinta. É um burrinho, que vem sozinho, puxando o carroção.” Claro, isso para não mencionar as aberturas de Machado de Assis, uma melhor que a outra, e entre as quais a preferida de Estevão era a de *Dom Casmurro*, “Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu”. Ele gostava tanto desta que, com frequência, em conversas casuais com amigos, se referia a alguém que conhecia, mas com quem não gozava de muita intimidade, como a pessoa que “é meu conhecido de vista e de chapéu”. No mundo, não poderia haver discussão, ninguém superara ainda a abertura de *Anna Karenina*, “Todas as famílias felizes se parecem, mas cada família infeliz é infeliz ao seu modo”.

Mas o que dizer da que Nabokov escreveu para *Lolita* (“Lolita, luz da minha vida, fogo de meu lombo. Meu pecado, minha alma. Lolita: a ponta da língua fazendo uma viagem de três passos pelo céu da boca, a fim de bater de leve, no terceiro, de encontro aos dentes. Lo. Li. Ta.”), que ele citava tanto, e com tanta frequência, que ninguém, especialmente Simone, aguentava mais ouvir? Recentemente, nesses novos tempos pós-modernos em que tudo de sublime parecia já ter sido escrito, Estevão se deparou com uma abertura do romancista inglês Julian Barnes, tão linda que quase o deprimiu, “Você preferiria amar mais, e sofrer mais; ou amar menos, e sofrer menos? Esta é, eu penso, no fim das contas, a única pergunta”.

Cada uma do seu jeito, ele sabia, eram aberturas maravilhosas, impossíveis de superar, igualar ou mesmo chegar perto, como se nos dias de hoje, ao compor uma ópera, alguém pretendesse fazer melhor do que fizeram Mozart e Wagner nas aberturas de *Don Giovanni* e do *Parsifal*. Mas Estevão, ainda que soubesse estar destinado a fracassar, sentia a obrigação de não desistir, de tentar, de tentar, de tentar, de insistir, sempre.

A realidade é que vinha sendo uma luta insana e inglória, a deste livro. O livro anterior tinha ido bem, ou muito bem, de fato. Algo que Estevão sentia como uma bênção, mas também como um peso. Financeiramente, mais do que bênção, havia sido um presente dos céus. Andavam na moda, naqueles tempos, as biografias de personagens históricos com papéis, por assim dizer, secundários. Ele sabia disso e andava à procura de um personagem sobre quem escrever. A primeira ideia que lhe veio à mente foi o escritor Alberto Rangel, autor de *Inferno Verde*, um dos grandes pensadores da virada do século XIX para o XX, amigo de Euclides da Cunha, e atualmente esquecidíssimo; depois, Estevão pensou em Manuel Ferreira da Câmara Bethencourt e Sá, o Intendente

Câmara, o tão genial quanto esquecido cientista, nada menos que criador da siderurgia brasileira; depois, ainda, ele pensou no naturalista dinamarquês Peter Lund, que não está totalmente esquecido, é certo, mas de qualquer modo trata-se de alguém que, com o potencial que tinha na juventude para ter a fama de um Humboldt ou de um Darwin, acabou relegado a um rodapé dos livros de história, em parte porque preferiu isolar-se até o fim da vida no sertão mineiro, em vez de regressar à Europa, onde seguramente ocuparia papel central nos debates científicos de seu tempo; e Estevão pensou, finalmente, em escrever sobre Frederico Wagner, um modesto funcionário provincial nascido na Alemanha, que acabaria por ter um papel fundamental na exploração e descrição que fizeram da província de Minas Gerais os prestigiados Johann Jakob von Tschudi e Heinrich Ferdinand Halfeld, este último tão lendário entre os mineiros que foi até mesmo citado por Pedro Nava logo nas primeiras linhas de suas memórias.

Mas nenhum desses personagens, por interessantes que fossem, logrou conquistar, de fato, o coração de Estevão. Finalmente surgiu uma boa ideia, e ela veio totalmente ao acaso, ao reler, um dia, fora de sua busca, apenas por prazer, *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Num determinado ponto do livro, no qual Euclides relatava o avanço das tropas federais rumo a Canudos, aparecia, fantasmagórica, sombria, empalada num galho seco de angico, a figura, ou melhor, o esqueleto, ainda vestido, e calçando as luvas pretas de montaria, do coronel Pedro Nunes Tamarindo, morto na expedição anterior, e que ali havia sido depositado pelos sertanejos como macabro alerta aos soldados do Anticristo que ousassem tentar, uma vez mais, atacar o arraial sagrado do Conselheiro.

Intrigado com a cena descrita por Euclides, Estevão começou a pesquisar. Queria saber quem havia sido, afinal, aquela figura de tão trágico fim. E descobriu então que Tamarindo, um

militar sexagenário, simpático e bonachão, veterano da Guerra do Paraguai e já perto de se aposentar, havia sido enviado – bastante a contragosto, diga-se – a Canudos durante a terceira expedição, comandada pelo coronel Moreira César, à frente do 9º batalhão de infantaria; e, sendo o segundo homem na linha de comando, com a morte em combate de Moreira César, fora obrigado, relutantemente, a assumir o batalhão, em pleno calor dos combates (ou melhor, da retirada). Lutando desesperadamente para reverter a sorte da batalha, perdida desde o início por conta da mais absoluta inépcia e arrogância de Moreira César, Tamarindo acabou por levar, ele mesmo, um tiro fatal.

Quando o coronel caiu morto, porém, a situação das tropas federais já era tão caótica que não havia quem recolhesse e levasse, de volta, o corpo do oficial – melhor sorte havia tido o corpo de Moreira César – e ele acabou por ser deixado ali, largado no lugar onde morreu, num barranco às margens do riacho do Angico, nos arrabaldes de Canudos, para ser posteriormente pego pelos seguidores do Conselheiro e usado para assombrar, como se fosse um espantalho macabro, os soldados da República que porventura insistissem em voltar lá para bulir com o povo de Deus.

Além do fim trágico, Estevão descobriu que Pedro Tamarindo, na visão de Euclides da Cunha, no calor da hora mais crítica por que passou, oscilou entre a apatia e o ímpeto guerreiro, entre o pavor paralisante e o destemor irresponsável. Ou seja, havia, na história daquele velho coronel exatamente o material de que Estevão precisava para escrever o livro que queria escrever. Avançando um pouco nas pesquisas, ele concluiu que, após sua morte, Tamarindo havia sido, tanto quanto possível, esquecido, mesmo apesar de ter, afinal de contas, agido com bravura e caído morto no campo de batalha. Por quê? Porque, de acordo com a hipótese inicial de Estevão, sua morte – e a exibição de seu cadáver – aba-

lara ao ponto do insuportável o orgulho do Exército brasileiro, republicano, positivista e progressista, uma garbosa força que, poucos anos antes, botara para correr um monarca velho e cansado.

Havia, evidentemente, naquele ponto, muito mais perguntas do que respostas, mas Estevão intuía que era quase infinito o potencial dramático daquele personagem e de sua história. Para começar, tudo o que girasse em torno de Canudos, uma das maiores tragédias da história do Brasil, repleta de símbolos e significados, seria, por si só, interessante. E o componente humano, no caso do coronel Tamarindo, parecia excepcional. Foi assim que Estevão decidiu ir atrás daquilo e escrever uma história de Canudos a partir da vida do coronel Tamarindo, ou, mais exatamente, uma história do coronel Tamarindo tendo Canudos como pano de fundo – ou como sombra.

No fim das contas, porém, a realização do projeto acabaria sendo muito mais complicada do que o inicialmente planejado, e isso por uma razão muito simples: os registros históricos sobre o coronel Tamarindo eram mínimos, mesmo no Arquivo Nacional e nos normalmente bem organizados arquivos do Exército. O velho oficial havia sido, de fato, esquecido, e a tarefa de resgate de sua história parecia impossível, num primeiro momento. Desanimado, com muito pouco com o que trabalhar nos arquivos do eixo São Paulo-Rio, e quase a ponto de desistir, Estevão decidiu arriscar um passo desesperado, e viajou até Inhambupe, no nordeste baiano, mais ou menos a meio caminho entre Salvador e Aracaju, por onde o próprio Conselheiro teria passado, antes de Canudos, e onde o futuro coronel nasceu, em 1837. E foi lá que, inesperadamente, os ventos favoráveis começaram a soprar. Foi na pequenina Inhambupe que ele conseguiu localizar parentes do coronel Tamarindo, ouvir um bom número de histórias – boa parte delas seguramente mentirosas, ou muito exageradas, mas ainda assim

saborosas e aproveitáveis –, e encontrar uns poucos documentos e fotografias. A partir daí, construindo pontes fictícias para ligar as rarefeitas informações concretas que possuía, Estevão conseguiu construir uma narrativa. O livro estava, milagrosamente, se tornando realidade. Pedro Nunes Tamarindo se transformava, de novo, numa pessoa de carne e osso, em alguém que merecia ser lembrado, e os dilemas existenciais pelos quais teria passado, antes e durante a terceira expedição a Canudos, ganhavam vida.

A história do coronel Tamarindo, que tanto esforço custou a Estevão pesquisar e escrever, ao ser publicada, porém, não mereceu mais do que uma ou outra resenha, mornas algumas, negativas outras. Mas, por uma dessas inexplicáveis obras do acaso, ela acabou por ter, entre seus poucos leitores, um executivo de uma grande produtora norte-americana de vídeos por assinatura na internet, casado com uma brasileira e que passava férias no Rio, o qual comprou o livro numa livraria do Galeão e, sabe-se lá por que, apaixonou-se pelo que leu e decidiu comprar os direitos. Estevão vendeu, é claro, com a devida ajuda de um advogado especializado em direitos autorais, o qual negociou e incluiu uma cláusula de participação por resultados e exibições por países. E não é que a série de oito episódios, criada pela produtora, acabou indo bastante bem também lá fora, lentamente a princípio, primeiro na Argentina, depois no México, em seguida em Portugal, Espanha e Itália, então na Inglaterra, França e Alemanha, nos Estados Unidos, no Japão e, por fim, em mais de cem países, na Ásia, na África, na Oceania, em tantos, enfim, que Estevão já nem conseguia enumerar?

E Estevão, então, se não se pode dizer que ficou milionário, acabou por receber um dinheiro mais do que considerável. Depois da minissérie, o livro passou a vender feito água, e até mesmo *Todos os Santos*, seu fiasco anterior, passou a vender, finalmente, alguma coisa, a ponto de até ganhar uma reedição.